

A Iniciação antes do Templo

Pseudônimo: Smile

Quando ainda criança ouvi de você, meu pai, aquela estória que me deixava intrigado.

Lá no Sertão Nordestino, um senhor dono de terras faleceu. Como era de costume, o velório foi realizado ali mesmo, na casa do defunto. E novamente, seguindo a tradição, os comes e bebes embalavam os presentes, ao som dos hinos católicos e do choro das carpideiras.

De repente, sem prévio aviso, chegam ao local aqueles homens “vestidos de terno preto”. Conversando com a viúva, logo em seguida retiram o caixão e o levam daquele lugar.

Em meio à perplexidade dos presentes (“acabou o velório?”; “não pagaram o caixão?”), um sobrinho vindo da cidade deixou escapar o motivo:

“-Eles são maçons, igual ao meu tio. Estão levando-o para uma cerimônia particular.”

O burburinho se estabeleceu no lugar. Entre aqueles inconformados e os que morriam de medo, todos presenciaram o momento em que o carro partiu carregando o caixão, seguido de outros veículos com os parentes mais próximos.

Dona Olinda, fervorosa em sua crença, ficou encarregada de encerrar ali o velório aos presentes, mas sem evitar os comentários sombrios sobre seu primo:

“- Eu não sabia que ele tinha coisa com esses aí...”

Ao que foi contestada por Dona Geralda:

“- Você acha que é coisa ruim? Ele sempre foi homem bom, ajudava muita gente por aqui.”

“- Padre Honório disse que o diabo se veste do que ele quiser, porquê não de terno?” – retrucou Dona Olinda.

E assim terminou o velório. E assim começou a ideia, passada adiante por gerações, de que aquilo não poderia ser algo bom ou correto.

O mistério daquele dia parecia ter apagado todas as boas lembranças do que o defunto havia realizado nas imediações, das pessoas que auxiliou, das vezes em que esteve ao lado dos mais necessitados, do seu jeito tranquilo e trato afável com todos.

A dúvida já estava em mim instalada, mas algo além do mistério me fazia buscar mais informações, na tentativa de entender esse paradoxo do “homem bom” que mantinha algo em segredo dos demais. Na opinião de muitos:

“- Se não é coisa ruim, qual o motivo do segredo?”.

Nessa caminhada pude presenciar várias boas ações, daqueles que eu agora conseguia reconhecer como os “homens de terno preto”, ainda que não estivessem assim vestidos. Era estranho imaginar que todos aqueles senhores, sorridentes e gentis, poderiam reunir-se em lugar qualquer para fazer todas aquelas maldades que a crença popular atribuía a esse grupo.

Depois de algum tempo, passei a trabalhar na empresa de um desses que assinavam colocando três pontinhos em triângulo. Assim, estando mais próximo de sua família, percebi a importância que a esposa e filhos recebiam do patriarca, numa postura que eu desejei seguir quando também estivesse nessa posição familiar.

Um belo dia, fiquei novamente intrigado. Ouvi a esposa dizer a uma amiga que o marido não ficaria para o jantar porque era “dia de Loja” e ele ficaria no “copo d’água”. Eu nem sabia que ele tinha outro comércio (loja de quê, à noite?), muito menos que estava em regime (substituir o jantar por água?). Mas “cada louco com suas manias”, assim dizia o ditado popular.

Segui trabalhando e observando, tentando compreender melhor o que eu nem sabia do que se tratava.

Depois a vida foi me fazendo lembrar de coisas que você já me dizia, mas que eu precisei aprender pelos erros e reflexões, como quem vai aparando arestas para lapidar uma pedra que deveria ter um formato mais ajustado para se encaixar na construção.

Foi esse caminho do “olhar pra dentro” que me levou àqueles que, mesmo não tendo mais uma grande proximidade, já estavam ali comigo, alinhados no desejo comum de construir um mundo melhor, mais justo e mais próximo da perfeição.

Então, ao me ver no cemitério no dia da Iniciação, pude refletir sobre essa caminhada. Consegui entender que, sendo a morte um destino comum a todos, o que realmente importa é aquilo que deixamos até chegar ali, das ações que realizamos em prol de outros e das vidas que pudemos transformar, incluindo a própria.

As pessoas que auxiliamos não precisam (e nem querem) saber quem somos, de onde viemos ou naquilo em que acreditamos. Estender a mão é um gesto simples, mas é preciso coragem para fazê-lo com sinceridade e convicção.

Estando ali, prestes a me tornar um “homem de terno preto”, pensei em tudo o que já havia acontecido antes e quantas vezes eu estive perto ou longe do que eu realmente acreditava ser o caminho reto, tal qual o esquadro que eu via em uso por esses.

E veio a iniciação. E vieram, juntas, as emoções e reflexões que ela deve causar a todos aqueles dispostos a realizar uma transformação profunda e interna. Junto com essa experiência marcante, veio o desejo de levantar o pensamento para onde quer que você esteja hoje, e lhe dizer:

“- Eu agora sou um deles e, acredite, terei a oportunidade de me tornar uma pessoa melhor...”.

Hoje entendo que já havia sido iniciado por você, meu pai.

A expressão “ser um homem livre e de bons costumes” pode resumir todas as grandes lições de humildade, simplicidade e generosidade que sempre recebi através de suas histórias, seus relatos e, acima de tudo, pelo seu exemplo.

Aprendi que alguém que mal sabia ler e escrever, tal qual na alusão ao Grau de Aprendiz, pode guardar em si um verdadeiro Mestre da Arte Real, em sua essência.

Entendi que Conhecimento e Sabedoria não são a mesma coisa, e nem sempre andam juntos. O Conhecimento pode elevar um homem em relação aos seus iguais, destacando-o intelectualmente. Mas a Sabedoria, essa que transforma o Conhecimento em atitude, eleva o homem para mais próximo de Deus.

Reconheci o desbastar da Pedra Bruta em tantos momentos de dificuldade material e espiritual, nos quais a vida pareceu entregar uma pedra cheia de deformidades e esperar de nós o trabalho paciente, esforçado e cuidadoso, para que esse rochedo pudesse ser transformado em parte de um novo degrau, na nossa longa e íngreme escada do crescimento interior.

Obrigado por ter sido meu Primeiro Experto, ainda que não soubesse disso, me conduzindo ao caminho que hoje procuro trilhar seguindo seu exemplo de retidão, compromisso e dedicação.

Haverá um dia em que este “filho da viúva” irá visitá-lo no Oriente Eterno, para lhe mostrar que aprendeu o valor do Tríplice Fraternal Abraço antes mesmo da Iniciação.